

BETAR & ARTES & LETRAS



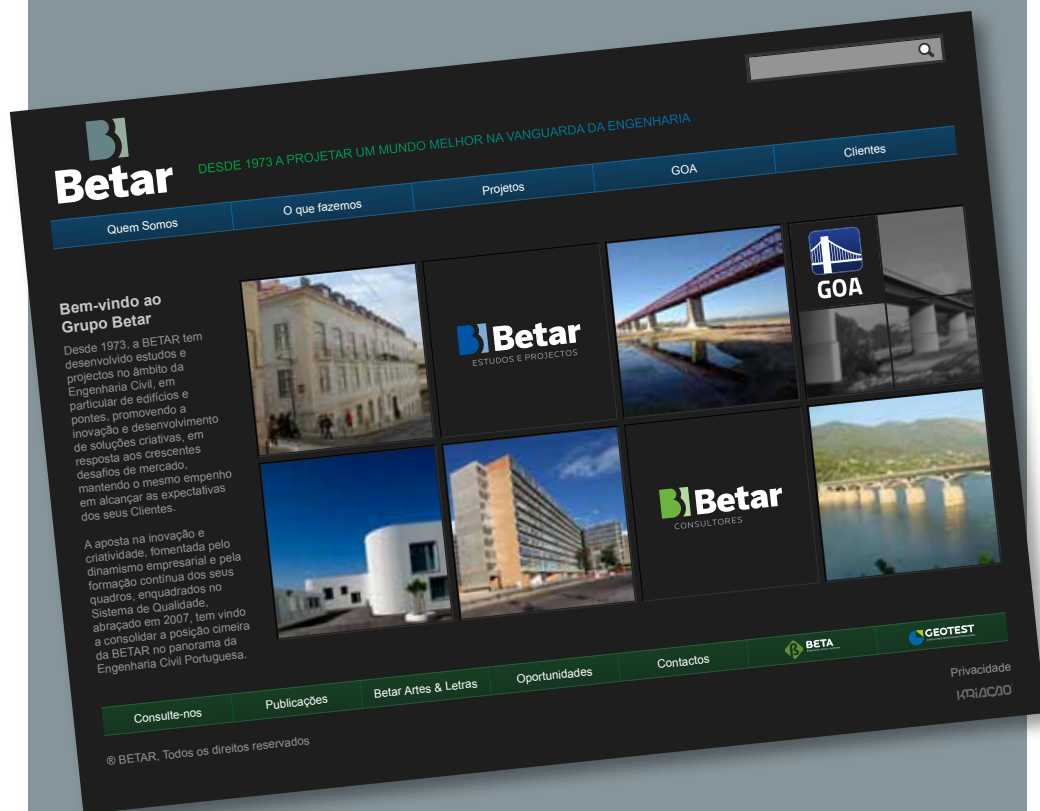
Que sardinha és tu?

As Festas da Cidade estão aí outra vez

B
Betar

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Já não é novidade para ninguém que Junho é o mês, por excelência, das Festas de Lisboa. Este ano, as sardinhas, os manjericos e os arraiais regressam para encher as ruas de cor e o programa volta a ser muito animado. Consulte-o na Artes&Letras.

No que respeita ao teatro, o verão pede eventos ligeiros e descontraídos. Como tal, sugerimos peças com temas divertidos como “Traições”, em cena no Teatro Maria Matos, e “O Furrusco, o telefone e eu”, no Centro Cultural da Malaposta.

Este mês começam também os Festivais de Verão. O Festival Remember Cascais apresenta um bom cartaz, apesar dos cortes orçamentais, e o Sumol Summer Fest, na Ericeira, volta a ter destaque no âmbito do Reggae. Relevo também para os concertos de Lura e Filipe Melo e Bruno Santos com Benny Golson.

No Museu Coleção Berardo, não se deve descurar o BES Photo 2014, que já se afirmou como o principal prémio de arte contemporânea em Portugal; e no Museu da Eletricidade está patente uma mostra original de António Sena, designada “Newspapers”.

Em relação aos eventos fora do país, o grande tema deste mês é a Bienal de Veneza, representada por vários arquitetos portugueses que pretendem divulgar projetos habitacionais nacionais.

A entrevista desta edição é com o arq. Pedro Domingos, que nos recebeu no seu atelier para falar um pouco do seu percurso.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘Historicamente a arquitetura portuguesa teve sempre uma condição de escassez. Aprendemos a fazer bem com pouco. Neste momento de crise, sabemos reposicionarmos. Gosto desta dimensão.’

Palavras do arq. **Pedro Domingos**.
Por Cátia Teixeira



FOTOS: FERNANDO GUERRA, FG-SG

Casa nas Janelas Verdes

Trabalhou com o arquiteto João Luís Carrilho da Graça, entre 1988 e 1997, depois partilhou um atelier com Inês Lobo, entre 1997 e 2002. O que é que o fez partir para um projeto em nome próprio?

Foi um percurso relativamente natural. Comecei a trabalhar cedo, no atelier do arq. Carrilho da Graça, a convite dele, porque tinha sido meu professor. Essa relação de trabalho durou cerca de dez anos e foi um privilégio, aprendi imenso com ele, é uma pessoa muito generosa para os colaboradores. Ainda hoje sinto que há muitas coisas da minha postura como arquitecto que vêm do convívio com ele. Foi, e continua a ser, uma figura determinante no meu percurso, é um arquiteto notável. Depois desta etapa de aprendizagem, num ambiente onde a arquitetura se faz com muita intensidade, veio a vontade arriscar um caminho autónomo. Tive um atelier com a Inês Lobo, que durou cinco anos. Foi um período igualmente muito importante, foi um teste à possibilidade de termos um espaço próprio. Mais tarde chegou o momento em que estávamos mais confiantes, mais esclarecidos sobre o que queríamos experimentar, sobre o que nos interessava e decidimos cada



Escola Básica Secundária em Sever Do Vouga

um seguir um caminho próprio. Continuo pontualmente a fazer trabalhos em parceria com outros arquitectos.

Fale-nos um pouco da forma como encara a arquitetura.

No nosso atelier temos uma prática muito dedicada, somos muito rigorosos, interessa-nos desenvolver projectos onde exista espaço para a investigação. Procuramos fazer projetos que resolvam os problemas que nos são colocados da forma mais completa possível. Gosto de fazer projetos onde se juntam pessoas que estão realmente interessadas em arquitetura. Gosto da ideia de multidisciplinaridade, onde o arquiteto é uma espécie de “maestro” – no caso da BETAR, o eng. Miguel Villar é o tipo de “músico” que está sempre afinado, colocando durante o desenvolvimento dos projectos questões sempre muito pertinentes, que vão muito para além da área da engenharia. Não estamos focados numa especialização, a diversidade de assuntos e trabalhos é um dos aspectos mais fascinante da profissão. Em Portugal, a formação em arquitetura faz com que o arquiteto fique apto a resolver qualquer

problema que lhe seja colocado.

Venceu o concurso para a reabilitação do “Parque das Camélias”, em co-autoria com a arq. Inês Lobo. Acha que os concursos são uma forma justa de avaliar o trabalho dos arquitetos?

Tenho feito muitos concursos, e continuo a fazer todos os anos, e não tenho razões de queixa. Em todos os que participei, achei sempre que se ganhámos foi porque o nosso projeto tinha qualidade e esta foi reconhecida; quando perdemos foi para um trabalho que era melhor. Senti sempre que o júri estava habilitado e que é um processo válido e justo de avaliar e fazer arquitetura. Gosto do formato. O concurso é um modelo muito particular de pensar a arquitetura, é um ensaio num prazo muito curto, há um lado muito forte de intuição... Este ano já participámos num concurso para uma torre em Lisboa, com os arq. João Favila e João Simões, e com o eng. Miguel Villar. Foi muito interessante porque nunca tínhamos reflectido sobre o que é construir um edifício em altura em Lisboa. Ficámos muito contentes com o resultado.

O projeto da Escola Básica e Secundária de Sever do Vouga esteve nomeado para o Archdaily Building of the Year 2014 e venceu o prémio internacional FAD 2013. Qual foi a importância destes reconhecimentos para a sua atividade profissional? Os prémios tiveram efeitos práticos no atelier?

A importância dos prémios está muito ligada ao reconhecimento do trabalho que temos feito. Os projetos são sempre corridas de fundo, muitas vezes temos dúvidas se estamos a fazer um bom trabalho, porque há muitas resistências e é muito difícil fazer um bom projecto e uma boa obra e os prémios permitem-nos confirmar que estamos no caminho certo. Na nossa área não se sente de imediato o resultado dos prémios. Sinto que ajudam um pouco no caso de clientes novos a fazer com que sintam mais confiança. E ajudam a construir um certo espaço para podermos continuar a fazer projectos.

Foi professor na Universidade Lusíada, entre 1999 e 2008, e na Universidade de Évora, de 2006 a 2012. Este tipo de projetos paralelos são um bom complemento da sua atividade como arquiteto? E o que é que procurava transmitir aos seus alunos?

Os projetos de docência são muito importantes para a prática porque a partilha com os alunos é muito estimulante, obriga-nos a fazer sínteses permanentemente daquilo que pensamos, da forma como olhamos para a arquitectura. É um espaço muito rico onde o compromisso é a partilha de conhecimento com os alunos. Criamos condições para se fazerem reflexões e ensaios sobre arquitectura, que muitas vezes tem consequências para a nossa prática. Fui sempre bastante sincero com os alunos, às vezes até demais, mas sobretudo muito otimista, digo sempre aos alunos que, acima de tudo, é

necessário ter o desejo de fazer. Existindo isso, as coisas acontecem naturalmente.

Como vê a arquitetura que se faz hoje em Portugal?

Penso que cada vez há melhores arquitetos e se faz melhor arquitetura. Temos o problema de Portugal ser um país periférico e relativamente pequeno, o que nos coloca questões muito particulares. A arquitetura portuguesa tem uma vantagem: historicamente, tivemos sempre uma condição de escassez, de falta de meios, o que criou uma forma de fazer arquitetura que não advém de uma sofisticação construtiva. Aprendemos a fazer bem com pouco, procuramos a essência da arquitetura: construir a partir do território, refletir sobre as qualidades e a organização do espaço, sobre a importância da luz... Penso que a arquitetura portuguesa é singular por isso, e neste momento de crise, sabemos reposicionar-nos e focar-nos no que é mesmo fundamental. Em Portugal há muito para fazer em relação ao espaço público, à reabilitação, às cidades. Este período de crise deve ser visto como uma oportunidade única para pensar os problemas com tempo.

E em relação ao futuro do atelier, que desafios estão em cima da mesa?

Neste momento estamos muito entusiasmados, estamos a fazer trabalhos muito diferentes que vão desde casas, que têm um lado laboratorial que eu gosto muito - temos vários clientes estrangeiros a querer construir casas em Portugal o que é ótimo; - estamos também a desenhar um jardim de uma casa particular - um tema que nunca tinha feito e que me fascina; - a reutilização de um mosteiro em Lisboa; a reflectir sobre um conjunto de acessos ao Castelo de São Jorge... Estamos em muitas frentes, e neste momento o grande desafio é conseguir ter condições para continuar a fazer bons projectos.

O verão pede eventos ligeiros e descontraídos. Como tal, a Artes&Letras sugere uma peça para ajudar a esquecer os dramas do dia-a-dia. A outra é mais séria, para chegar a todos os gostos



Traições

De volta ao palco do Teatro Maria Matos, os tg STAN trazem-nos a sua leitura de “Betrayal”, peça escrita por Harold Pinter em 1978, que narra, ao estilo lacónico e implacável do dramaturgo britânico, um triângulo amoroso clássico: durante sete anos, Emma enganou o seu marido, Robert, com o melhor amigo deste, Jerry. Utilizando uma estrutura dramática pouco habitual — a peça começa pelo fim e termina no início da relação —, e com a precisão de quem maneja um bisturi, Pinter revela-nos o orgulho e os desejos, as mentiras e as fraquezas das suas personagens, que se aprofundam cada vez mais na insustentabilidade de uma paixão devoradora, lutando contra a mediocridade das suas vidas rotineiras, desejosas de uma existência grandiosa num mundo demasiado pequeno.

Teatro Maria Matos

Dias 17 e 18 de Junho

Interpretação: Robby Cleiren, Jolente De Keersmaecker e Frank Verduyssen (Em francês com legendagem)



O Farrusco, o Telefone e Eu

Ângela, mulher na casa dos 40, já foi metade do feliz casal Ângela/Tó. Mas agora, Tó trocou-a por uma rapariga mais nova, deixando-a com um cão, a filha, o namorado da filha, a mãe, a vizinha e um telefone... Sempre acompanhada pelo fiel amigo e confidente, Farrusco, Ângela conta a história do seu caminho de volta à felicidade que passa, muitas vezes, por uma boa conversa telefónica. Com um texto inteligente aliado à interação com o público, a peça aborda muitas situações do quotidiano, até aquelas de que nunca costumamos falar. “O Farrusco, o telefone e eu” é uma comédia, escrita em monólogo, da galardoada autora Geraldine Aron, que chega a Portugal uma década depois de ter sido nomeada para o prestigiado prémio Laurence Olivier Award for Best Entertainment - The Society of London Theatre.

Centro Cultural da Malaposta

De 3 a 25 de Junho

Interpretação: Maria Henrique

Junho já é mês de festivais de verão. Dois dos mais conceituados são aqui divulgados. Relevo também para os concertos de Lura e Filipe Melo e Bruno Santos com Benny Golson



Festival Remember Cascais

Dias 13 e 14 de Junho no Hipódromo Municipal Manuel Possolo, Cascais

FESTIVAL

Com mais de 20 mil espectadores nas primeiras duas edições, o ERP Remember Cascais afirmou o seu conceito diferenciador, centrado na música e no espírito da década de 80. Este ano o cartaz é também muito bom, com artistas que venderam milhões de discos em todo o mundo. No dia 13 sobem ao palco Kim Wilde, Billy Ocean e Lena D'Água & Rock N Roll Station e no dia 14 Rick Astley, Bananarama e Barry White Show.



Sumol Summer Fest

Dias 26 e 28 de Junho no Ericeira Camping, Ericeira

FESTIVAL

Na Ericeira, a música, a praia e o surf estão harmonia perfeita, sempre com um espírito inovador. Em 5 edições, o Sumol Summer Fest é já um dos principais festivais portugueses e este ano apresenta um cartaz de Reggae muito apetecível. No dia 27 destacam-se Ky-Mani Marley, Protoje, John Butler Trio; e no dia 28 Anthony B + Lutan Fyah + Perfect Giddimani, Popcaan, Angus & Julia Stone e Cidade Negra.



Lura

Dia 12 de Junho no CCB

CONCERTO

Lura, cuja carreira se desenhou entre Lisboa e Cabo Verde, começou por se fazer notar nos anos 90, no projeto "Red Hot + Lisbon", que a projetou para o mundo, internacionalizando as cores quentes da sua música. Os elogios, entretanto, não têm parado e tornaram-na a sucessora natural de Cesária Évora. Lura prepara-se agora para apresentar uma nova coleção de canções e promete reforçar a sua veia de compositora.



Filipe Melo, Bruno Santos e Benny Golson

Dia 27 de Junho no Teatro Tivoli

CONCERTO

Filipe Melo - nome consagrado do jazz nacional - e Bruno Santos - um dos mais requisitados guitarristas de jazz do país - têm partilhado o palco com os grandes vultos do jazz, mas desta vez o convidado de honra é Benny Golson, mítico saxofonista e compositor com mais de 30 álbuns editados e galardoado com vários prémios de prestígio. Uma das maiores lendas vivas da história do jazz num concerto imperdível!



Concertos em junho

por António Cabral

A temporada 2013/2014 está a terminar. Junho traz-nos os últimos concertos clássicos da Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, Metropolitana e Teatro Nacional de S. Carlos. Seguem-se os Festivais de Verão. Destes desconhecem-se ainda os programas. Alguns não se realizarão por falta de verbas. Regresso em Setembro com a apresentação da temporada 2014/2015.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

5/6 às 19 horas (Grande Auditório)

O pianista russo Evgeni Koroliov interpreta uma das obras mais célebres da música de tecla de J.S.Bach: As Variações Goldberg BWV 988.

15/6 às 11 horas e às 16 horas

Para o fecho de temporada dois concertos, no mesmo dia, e com o mesmo programa: excertos do Lago dos Cisnes de Tchaikovsky; o Adagietto da Sinfonia nº 5 de Mahler; O Poema Sinfónico O Moldava de Smetana; e as Danças Húngaras nº 5 e 6 de Brahms. Um programa bem popular com a Orquestra Gulbenkian dirigida por Joana Carneiro.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

8/6 às 17 horas

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, tendo à frente o conhecido Maestro Emilio Pomarico, e o pianista Filipe Pinto Ribeiro, interpreta: de Beethoven, a Abertura Coriolano e a 5ª Sinfonia; e de Chostakovich, o Concerto nº 1 para Piano e Orquestra.

10/6 às 11.30 horas

A Orquestra Metropolitana de Lisboa dirigida



Evgeni Koroliov

pelo Maestro Pedro Neves e Susana Henriques como Narradora interpreta: de Benjamin Britten a obra Faetonte para obóe solo; de Dittersdoff, a Queda de Faetonte; e de Saint-Saens Faetonte.

TEATRO DE S. CARLOS

4/6 e 6/6 às 20 horas e 8/6 às 16 horas

Versão de concerto da ópera "Norma" de Vincenzo Bellini, um clássico do Bel-Canto. Na protagonista Dmitra Theodossiou, bem conhecida dos portugueses pelas suas brilhantes atuações em anos anteriores. Orquestra Sinfónica Portuguesa, coro do Teatro de S.Carlos. dir. Speranza Sapucci. Mesmo em concerto a "Norma" é imperdível.

ORQUESTRA METROPOLITANA

28/6 às 21:30 no Teatro Thalia (Estrada das Laranjeiras 205)

Orquestra Metropolitana de Lisboa; dir. Christopher Bochmann; programa: Sinfonias nº 6 (Manhã) e nº 8 (Noite) de Haydn; Kammermusik nº 3 e Trauermusik de Paul Hindemith.

FESTAS

“Que sardinha és tu?” é o mote das Festas de Lisboa 2014, onde elas são, uma vez mais, as estrelas. Nos cartazes ou no pão, juntam-se aos manjericos e dançam nos bailes populares

Durante todo o mês de Junho, as ruas de Lisboa vestem-se de cores para acolher uma programação diversificada que junta aos projetos de carácter tradicional e popular, outros mais recentes e ecléticos.



Andar em Festa

Como vem sendo habitual, os transportes públicos enfeitam-se e animam-se para receber as Festas de Lisboa. Os Ascensores e o Elevador de Santa Justa vestem-se a rigor com fotografias de edifícios patrimoniais da cidade (até 3 de Junho); os Autocarros tocam música popular, clássica e electrónica (de 16 a 20 de Junho); os Barcos apresentam uma Vídeo/Instalação com banda sonora original, ao vivo, e concebida a partir de filmes mudos que retratam Lisboa antiga (de 23 a 27 de Junho); os Comboios fazem circular uma mala, de mão em mão, criando um enredo informal de pessoas (até 2 de Julho); na estação do Metro de S. Sebastião montar-se-á uma escada musical, com um teclado de piano para que todos possam tocar (de 9 a 13 de Junho), e até no Aqueduto das Águas Livres ecoam melodias pela voz do Coro do Tejo (dias 5, 9 e 26 de Junho).

Fado e Teatro

Absolutamente estreante é o evento “Fados e Tudo” (dias 19, 20 e 21 de Junho) que coloca o Fado em directa relação com o humor, a poesia, a dança ou cinema. No São Luiz Teatro Municipal juntam-se Carlos Vaz Marques, Ricardo Araújo Pereira e Camané; apresenta-se um documentário de Diogo Varela Silva com a participação de Celeste Rodrigues; e “canta-se” Amália por Júlio Resende.

Já habitual é o Teatro das Compras (de 19 a 28 Junho) cujos palcos são lojas da baixa de Lisboa que acolhem actores, bailarinos, músicos e cantores.

Concertos, Bailes e Arraiais

Não há bairro de Lisboa que se preze que durante o mês de Junho não tenha o seu arraial montado. Os Microbailes (dias 6, 13, 20 e 27), que florescem pela cidade, convidam quem passa a dar um pézinho de dança. O Lisboa Mistura (de 19 a 28 de Junho) apresenta espetáculos entre o Castelo e o Intendente, com uma programação aberta aos ritmos do mundo cruzados com electrónica e dança.

Já o Festival coral de Verão (de 27 a 30 de Junho) abrange outras preferências. Concertos e competições corais vão decorrer na zona de Belém, com coros portugueses e estrangeiros.

Encerramento (dia 3 de Julho)

Para fechar a programação, as Festas de Lisboa sugerem um concerto de Fausto Bordalo Dias com a banda Boémia, na Torre de Belém. Fausto Bordalo Dias, representante da música e cultura em português, propõe-se a revisitar os discos que compõem a sua trilogia sobre a diáspora lusitana.

LIVROS

Para mergulhar numa história marcante não perca “As aventuras de Ngunga”. Se procura leituras mais descontraídas, sugerimos “A vingança veste Prada”



Lauren Weisberger *A Vingança Veste Prada*

Éis a muito aguardada sequência do divertidíssimo bestseller “O Diabo Veste Prada”. Estão de volta o glamour e o humor e está de volta também, mais malévolamente que nunca e cheia de sede de vingança, a diabólica Miranda Priestly. Passaram dez anos desde que Andrea Sachs deixou de trabalhar para Miranda e a sua vida não podia correr melhor. Está noiva de Max Harrison, herdeiro de um império de publicações, e dirige a sua própria revista, The Plunge. Mas, inesperadamente, Miranda volta a entrar na sua vida, com uma proposta milionária para comprar The Plunge. Estará Andrea, depois de ter reconquistado uma nova vida, prestes a cair mais uma vez nas garras do diabo que veste Prada? Afinal, a vingança serve-se fria e... Nunca sai de moda. O diabo está de volta em “A Vingança Veste Prada”!



Pepetela *As Aventuras de Ngunga*

Escrito em 1972, numa época em que Angola vivia ainda sob o jugo colonial, esta é a história de um jovem guerrilheiro do MPLA, determinado, que se faz homem aprendendo a pensar pela própria cabeça. Uma história pungente e terna onde Pepetela nos conduz ao interior de Angola, penetrando, assim, nos bastidores da luta armada: local de muitas experiências no percurso da construção da identidade nacional. Na noite espessa do colonialismo, abre-se a literária e a esperança na construção de uma nação livre e soberana. O sonho que há tanto tempo vinha sendo tecido com os fios da resistência, com a força paciente dos que aprenderam a silenciar e com a coragem dos que fizeram da conquista da liberdade seu maior desafio só se poderia concretizar quando trincheiras rasgassem o solo de Angola para defender seus filhos enfim dispostos a pegar em armas na luta pelos seus direitos. É o momento em que a vida sem a independência perde completamente o sentido. Então é chegada a hora de arriscar tudo.

ARTES

Fotografia ou pintura? Dependendo dos gostos de cada um, este mês há duas mostras a não perder. Ambas valorizam artistas nacionais ou de expressão portuguesa

MUSEU COLEÇÃO BERARDO

BES Photo 2014

Até 7 de Setembro

O BESphoto foi lançado em 2004 com o objetivo de premiar criadores portugueses ou residentes em Portugal, que apresentassem trabalhos no âmbito fotográfico. Já se afirmou como o principal prémio de arte contemporânea em Portugal, adquiriu estatuto internacional na sua 7ª edição, alargando o âmbito de seleção a todos os artistas plásticos contemporâneos de língua oficial portuguesa, com o intuito de promover a criatividade e integração destes artistas no panorama internacional. A iniciativa desenvolve-se com a realização de uma exposição conjunta dos artistas previamente selecionados por um júri. Nesta edição foram premiados trabalhos de Délio Jasse (Angola), José Pedro Cortes (Portugal) e Leticia Ramos (Brasil).



MUSEU DA ELETRICIDADE

Newspapers

Até 26 de Junho

Durante uma década, António Sena pintou, sobre folhas de papel de jornais do início do século XX, fragmentos do “Livro do Desassossego”, de Fernando Pessoa. Segundo o comissário da exposição do Museu da Eletricidade, João Pinharanda, o que distingue estas obras são “as diferentes modalidades de escrita, de experimentação de tons e texturas, as densidades e cores das tintas e dos carvões e o efeito de conjunto da grande mancha de desenho que nasce em cada parede da exposição”. António Sena participou em numerosas exposições individuais e coletivas, e em 2011 venceu o Grande Prémio Amadeo de Souza-Cardoso por “ser uma referência no panorama artístico do século XX”. Agora expõe 90 desenhos recentes (alguns inéditos) e pinturas muito originais.

No que respeita a eventos fora do país, o grande tema deste mês é a Bienal de Veneza, representada por vários arquitetos portugueses que pretendem divulgar projetos habitacionais

Museu Picasso, Barcelona

Post-Picasso, Reações contemporâneas

Até 29 de Junho

Esta exposição apresenta uma visão geral das respostas de artistas contemporâneos à obra de Pablo Picasso durante os quarenta anos que se seguiram à sua morte. Como é evidenciado por 58 obras em exposição, os artistas contemporâneos consideraram Picasso um modelo versátil, que permite discutir a internacionalização e diversificação da arte contemporânea no século XXI. Esta exposição apresenta o trabalho de 41 artistas de todo o mundo, sendo um reflexo da extensão geográfica extraordinária da influência de Picasso sobre a arte contemporânea.



Veneza

Bienal de Arquitetura de Veneza

De 7 de Junho a 23 de Novembro

A 14.ª edição da Bienal de Arquitetura de Veneza, que sob a direção de Rem Koolhaas é já descrita como a mais aguardada de sempre, contará com a presença de 12 ateliers e arquitetos portugueses: Adoc Architects, André Tavares, Artéria, Ateliermob, LIKE Architects, Mariana Pestana, Miguel Eufrásia, Miguel Marcelino, Paulo Moreira, Pedro Clarke, Sami Architectos e Susana Ventura. Comissariada pelo arquiteto Pedro Campos Costa, sob o tema “Homeland – News From Portugal”, a participação portuguesa distribuirá um jornal com notícias sobre os seis projetos habitacionais que vários grupos de trabalho estão a realizar em seis cidades do país, de modo a abordar o tema da habitação enquanto elemento essencial e primário da construção urbana e territorial. Esta bienal, que reúne nesta edição 65 países, visa “gerar uma visão global da evolução da arquitetura rumo a uma única estética moderna”.



“Fogo no sargaço, saúde no meu braço. Fogo no rosmaninho, saúde no meu peitinho.” As sugestões de M^a João CD para Junho, no Porto

Música e Teatro

COLISEU: “MARIA GADU” (19); “GOD SAVE THE QUEEN-DSR, Show Must Go On 2014 Tour” (28). **CASA DA MÚSICA:** “BIG BAND do conservatório da JOBRA”, jazz (12); “XERAZADE”, OSP com o compositor Liadov (13); “QUARTETO MÁRIO SANTOS”, jazz (13); “LURA”, cantora Cabo-verdiana (14); “QUIET AFFAIR”, guitarra, baixo, bateria e voz (14); “AS MIL E UMA NOITES”, concerto comentado (15); “BABY ROCKS” (15); “ACADEMIA DE MÚSICA A PAUTA” (15); CLÁUDIA MADUR, fado (17); “CHEGA DE SAUDADE” 20º aniversário do desaparecimento de Tom Jobim, com Ivan Lins, Paulo Carvalho, Rita Guerra e outros (18); “COMBOS DE JAZZ da Escola Valentim de Carvalho” (19); “40 ANOS DO 25 ABRIL” obra de José Mário Branco interpretada por vários artistas (20); “JOÃO AFONSO”, letras de Mia Couto e José E. Agualusa; “ACADEMIA DE ESPINHO”, músicas do Hemisfério Sul (26); “RUI TEIXEIRA GROUP” (27); “OSQUESTRA CLÁSSICA DO CENTRO” (28); “GUTA NAKI”, grupo de jovens portugueses (28); “ORIENTALISMO BARROCO” (29); “ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS com MANUELA AZEVEDO” (1jul); “CONCERTO PARA VIOLONCELO de Schumann” (4jul); “PEIXE”, guitarrista fundador dos Ornatos Violeta (4 jul); “MARATONA DE VIOLONCELISTAS” (5jul); “IMIDIWAN”, do Mali (5jul); “SONÓPOLIS” (6jul). **TEATRO N. SÃO JOÃO:** “O REGRESSO A CASA” de Harold Pinter (13 a 29); “MAPA, TERRA, LUGAR, CASA, CORPO”, Comédias do Minho (11 a 13 jul)

À descoberta do Porto: São João

Não se conhece com rigor quando teve início a festa do S. João do Porto. Com origem no século XIV, era inicialmente uma festa pagã, de adoração ao deus do Sol, em comemoração das colheitas e da abundância. Posteriormente, a Igreja Católica cristianizou a festa, em comemoração de S. João, o Padroeiro. Em registos do Séc XIV, Fernão Lopes, relatou que era um dia em que aí se fazia uma grande festa. Existia também uma cantiga da época que dizia que até os moiros da moirama festejam o S. João. Para os festejos, há 3 grandes concertos na Av. Aliados: os “Azeitonas” (20); “GNR” (21); “Ana Moura” (22); A Casa da Música associa-se com os “Concertos de S. João”: “Mimicat” álbum de Marisa Mena (23); “Banda Sinfónica Portuguesa” (23); “Alma de Coimbra” (24). Na noite de 23, junto à Ponte Luís I há fogo de artifício.

Exposições

BIB. M. A. GARRETT: “A poesia está na rua”, Vieira da Silva (até 22 jun); **DAMA AFLITA:** “Salto sem Gravidade”, Horácio frutuoso + Ricardo Abreu (até 17). **REITORIA DA UNIVERSIDADE:** “Inaudito, a aventura de ouvir” (até 27). **MUSEU DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES:** “À descoberta do Balão de S. João” (até 29). **CENTRO PORTUGUÊS FOTOGRAFIA:** “Os Rapazes dos Tanques”, Alfredo Cunha e “Viagem sem Rumo”, João Pedro Marnoto (até 29). **FUNDAÇÃO EDP:** “Encontros com as Formas. Fotografias e Filmes de Ângelo de Sousa.” (até 6jul).



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

**ESCOLA BÁSICA SECUNDÁRIA
EM SEVER DO VOUGA**

